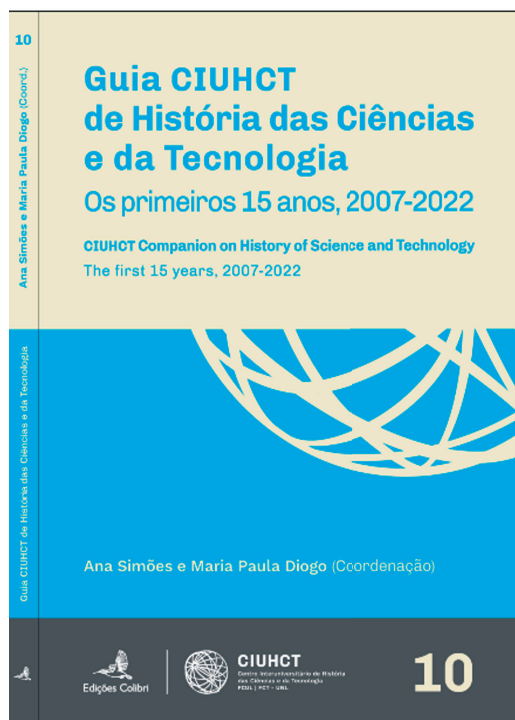


# Guia CIUHCT de História das Ciências e da Tecnologia



«Guia CIUHCT de História das Ciências e da Tecnologia – Os primeiros 15 anos, 2007-2022»

Ana Simões e Maria Paula Diogo (Coordenação)

Edições Colibri/CIUHCT, 2022, 427 p.,

ISBN 978-989-566-265-4.

José Braga

O Centro Interuniversitário de História da Ciência e Tecnologia (CIUHCT) foi fundado em 2007, tendo-se tornado uma referência na área da História das Ciências, Tecnologia e Medicina (HCTM), pela quantidade e qualidade da produção científica.

A pesquisa do CIUHCT inspira-se nas redes de investigação europeias, refletindo-se nos conceitos apropriação – circulação – inovação, presentes nos textos escolhidos para figurar neste volume. Este livro, concebido como Companion, seguindo a tradição anglo-saxónica, com a funcionalidade de um dicionário temático e a profundidade de uma enciclopédia, tem como desiderato trazer os principais resultados da investigação do Centro ao grande público de língua portuguesa. Reunindo 15 artigos, a obra ilustra abordagens temáticas, conceptuais e metodológicas utilizadas ao longo dos 15 anos de existência desta unidade de investigação.

Os artigos 1, «Ciência e tecnologia na Periferia europeia: algumas reflexões historiográficas», e 4, «Documentar coleções: a pedra angular para mais história da ciência nos museus», apresentam reflexões importantes para novas análises ao contexto centro/periferia e ciências e tecnologias europeias/ciência e tec-

nologia na Europa, questionando a definição de espaço europeu ao porem em causa a visão de uma Europa monolítica.

O primeiro texto questiona as visões determinísticas e estáticas da abordagem “Centro/Periferia”, sublinhando o papel ativo daqueles cujas intervenções moldaram os processos de apropriação, numa mudança de ponto de vista de «aquilo que foi transmitido» para «como aquilo que foi recebido foi apropriado». Os autores sublinham que o estatuto de centro e periferia depende do tema e varia ao longo do tempo e que existe também um papel epistemologicamente ativo de espaços considerados periféricos, contrariando a visão historiográfica hegemónica. Substituem a transmissão pela apropriação, devendo estudar-se a dinâmica e as condições que possibilitam o surgimento de espaços de legitimação de novas práticas, bem como a resistência às novas ideias e a forma como é contornada. As viagens são maneiras de promover a comunicação entre locais, que são nós interligados, emergindo o conceito de trabalho em rede. Encarando professores e alunos como agentes ativos na criação de conhecimento, o ensino implica interação e emerge como atividade multidirecional, sendo as ideias reinventadas,

numa apropriação seletiva: textos didáticos científicos, escolas de investigação e traduções emergem como objetos de estudo.

No artigo 2, José Alberto Silva retrata a vida de Teodoro de Almeida (1722-1804), fundador da Academia das Ciências de Lisboa, mostrando que a maioria dos argumentos sobre teologia natural associados a países protestantes foram usados também no Portugal católico.

Com efeito, a maioria dos textos aborda o papel dos estrangeirados portugueses ou dos bolsseiros espanhóis na circulação do conhecimento pela Europa, introduzindo o texto 3 os conceitos de «localidades em trânsito» e circulação criativa. «Defender a identidade da metrópole através da política colonial: o papel dos naturalistas portugueses (1870-91)», texto 6, «Para maior credibilidade: ciência e ensino jesuítas no Portugal moderno», artigo 7, e «Moldar médicos e sociedade: a imprensa médica portuguesa (1880-1926)», texto 10, também espelham estas temáticas.

É também o caso de «A tese de Zilsel, a cultura marítima e a ciência ibérica no início da Europa moderna», artigo 5, por Henrique Leitão e António Sanchez. Chamando a atenção para aspetos económico-sociais no desenvolvimento científico, esta tese sustenta que a ciência nasce quando, com o progresso tecnológico, o método experimental dos artesãos supera o preconceito contra o trabalho manual e é adotado por estudiosos universitários. A receção da ideia foi limitada pois tinha uma conotação marxista e o argumento central foi exposto de forma esquemática: nunca apresentou circunstâncias históricas em que tal acontecia de forma convincente. A situação social que permitiu a interação em grande escala entre artesãos e estudiosos encontra-se nas viagens e descobertas marítimas portuguesas e espanholas dos séculos XV e XVI. O confronto europeu com novos mundos prenunciou uma nova forma de fazer ciência, dando lugar à abertura a novas ideias, instituições específicas, ensino e desenvolvimento técnico ao nível da náutica, construção naval, instrumentos e cartas. Surgiram cargos intermédios entre o estudioso e o artesão, com reconhecimento social e competência científica: pilotos, cosmógrafos e professores. Moviam-se entre estratos sociais e locais diferentes. Também o pessoal técnico (pilotos e cartógrafos) melhorou a sua posição social. Promoveu-se a utilização e produção de textos em vernáculo, imperativo nacional pela necessidade de transmitir conhecimento, pois camadas sociais sem formação universitária estavam envolvidas em atividades técnicas e científicas a uma escala inaudita. A mistura entre o mundo dos estudiosos e o dos artesãos é central na tese de Zilsel, tal como a ideia de progresso científico através do conhecimento e do domínio da natureza, o que estava enraizado na Península Ibérica seiscentista.

Outros temas abordados são as cidades e a história urbana, em «Utopias urbanas e o Antropocénico», artigo 8; a nação, com «Tecnologia e nação: aprender com a periferia», texto 9; a aplicabilidade do conceito de «guião» para esclarecer as dimensões do traçado urbano tecnológico das ruas, no texto 11; os livros, com o artigo 12, «Sobre a censura dos livros de Tycho Brahe na Península Ibérica», ou as ferrovias, no texto 13, «Revisitar o imperialismo ferroviário: o fracasso da linha Macau-Guangzhou». As interseções da horticultura, dos jardins e das abordagens à

paisagem face à história das ciências no nosso país, com o artigo 14, «Exposições de flores para um regime nacionalista: a propaganda e a imprensa na ditadura portuguesa da década de 1940»; ou a dicotomia natureza-cultura/tecnologia, no texto 15, «Prometeu no jardim do Éden: um ensaio sobre o conceito de Antropocénico».

Ainda que não possua aparelho iconográfico, este livro reúne artigos que se encontravam dispersos por várias publicações em inglês, tornando-os facilmente acessíveis em língua portuguesa. É um importante marco para o CIUCHT, celebrando a sua história e contribuindo para reforçar uma identidade profissional entre os historiadores das ciências, ao divulgar conceitos, práticas metodológicas e temáticas próprias. Será útil a estudantes, investigadores e professores tanto em HCTM como História, Geografia ou Urbanismo e mesmo Ciência política.



José Braga, Professor do Ensino Básico e Secundário, membro do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT).